



A SELEÇÃO SEMÂNTICA DO ADVÉRBIO DE MANEIRA *BEM* EXPÕE UMA ESTRUTURA DE EVENTOS NO vP

THE SEMANTIC SELECTION OF THE MANNER ADVERB *BEM* (“WELL”) REVEALS AN EVENT STRUCTURE IN VERB PHRASES

Ana Paula Quadros Gomes¹
Alessandro Boechat de Medeiros²

Resumo Neste trabalho analisamos o advérbio *bem* com leitura de maneira modificando sintagmas verbais do português brasileiro. Partindo da visão de que o sintagma verbal pode ser decomposto em uma estrutura de eventos sintaticamente representada, defendemos que *bem* de maneira seleciona semanticamente subeventualidades durativas (estados ou processos), e sempre será licenciado em sintagmas verbais que possuam algum componente durativo em sua estrutura de eventos. Na seção final do artigo, mostramos como essa perspectiva explica até mesmo a ocorrência do advérbio *bem* de maneira em sintagmas verbais encabeçados por verbos tipicamente classificados como culminações (*achievements*). Com isso, acreditamos que o artigo forneça não só uma descrição robusta das propriedades do advérbio sob análise (pelo menos em sua interpretação de maneira) como também um argumento a favor de pensarmos a estrutura do sintagma verbal não como uma estrutura projetada por um item, mas um arranjo sintático-semântico no qual uma raiz verbal pode ser licenciada.

Palavras-chave: *advérbio de maneira bem (PB); estrutura de eventos; seleção semântica de modificadores*

Abstract: This study analyzes *bem* (well) in its use as a manner adverb when modifying verb phrases in Brazilian Portuguese. Taking the perspective that verb phrases can be broken down into a syntactically represented event structure, we argue that the manner adverb *bem* semantically selects durative sub-events (states or processes) and will always be allowed in verb phrases which have some durative component in their event structure. At the end, we show how this perspective even explains the occurrences of the adverb under analysis in verb phrases headed by verbs typically classified as achievements. This study therefore provides not only a robust description of the properties of *bem* as a manner adverb, but also an argument in favor of treating the structure of the verb phrase not as a syntactic structure projected by an item, but as a syntactic and semantic arrangement into which a verb root may be allowed.

Keywords: *manner adverb bem; event structure; semantic selection of modifiers*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o advérbio *bem* do português brasileiro (PB), com leitura de maneira, no ambiente verbal, ou seja, funcionando como modificador de sintagmas verbais. Ao longo da próxima seção e das seguintes, discutimos suas interpretações e, para explicar a ocorrência inesperada do advérbio em certos tipos de sintagma verbal,

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. anaquadrosgomes@letras.ufrj.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3476-0193>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. alboechat@letras.ufrj.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9925-2643>

apresentamos uma análise que aposta na ideia de que o VP possa ser decomposto em estruturas de eventos sintaticamente representadas.

O texto tem a seguinte organização. Na seção 1, discutimos, a partir da literatura e da observação dos dados da língua, as propriedades semânticas do advérbio *bem* no PB, enfocando sua interpretação de maneira. Argumentaremos que *bem* de maneira seleciona semanticamente (sub)eventualidades durativas (estados ou processos), toma uma dimensão sua específica e atribui-lhe uma avaliação na qual ela é considerada “tão boa quanto poderia ser”. Na seção 2, empreendemos uma discussão sobre a interação de *bem* com estruturas de eventos sintaticamente representadas, mostrando que a mera existência de uma subeventualidade durativa nessa estrutura licencia a ocorrência do advérbio. Ao final, mostramos como essa perspectiva explica até mesmo a ocorrência do advérbio *bem* de maneira em sintagmas verbais encabeçados por verbos tipicamente classificados como culminações (*achievements*). O artigo termina com uma pequena seção de conclusões gerais, que resumem os pontos principais do texto.

2. DA SEMÂNTICA DO ADVÉRBIO *BEM* (DE MANEIRA)

O advérbio *bem* pode ter interpretações de grau e de maneira:

- (1) (a) Choveu bem ontem. (grau)
- (b) Ela cozinha bem. (maneira)
- (c) Pedro come bem. (ambíguo entre grau – ele come bastante – e maneira – ele é seletivo, só consome bons alimentos)

O tratamento clássico convencionado para advérbios de maneira é o de predicado de eventos (PARSONS, 1990), que levaria a analisar assim uma sentença como (1b):

- (2) $\exists e$ [COZINHAR (*e*) & AGENTE (ela, *e*) & BEM(*e*)]

Nessa visão, um advérbio de maneira faz modificação intersectiva³. Já um advérbio de grau não é visto como um modificador direto do evento, e sim como um modificador de qualquer dimensão escalar desse evento. Uma representação possível para (1a) seria (3), parafraseada como (3b).

- (3) (a) $\exists e$ [CHOVER (*e*) & DIM ESC(*e*) & [(boa, DIM ESC (*e*))]
- (b) Há um evento do tipo de chover que apresenta alguma dimensão escalar/gradual, e a medida associada a tal dimensão é alta (ou seja, ele é mapeado a um bom/alto grau na escala dessa dimensão graduável).

Modificadores de grau não selecionam uma dimensão em particular; qualquer dimensão que apresente uma escala é adequada para a operação. Daí, em (3b), o que está sendo mensurado poder ser ou o tempo durante o qual a chuva se prolongou ou a quantidade de água acumulada por conta da chuva.

Na leitura de grau, ‘bem’ pode ser substituído por ‘bastante’ ou ‘muito’ (‘Choveu bem’ = ‘Choveu muito’). Na leitura de maneira, seu oposto é ‘mal’ (‘Ela cozinha bem’ é o oposto de ‘Ela cozinha mal’). Outra diferença é que ‘bem’ de grau não pode ser

³ A modificação intersectiva coloca um indivíduo na intersecção de dois conjuntos, atribuindo ao mesmo indivíduo simultaneamente duas propriedades. Por exemplo, ‘o coelho é branco’ coloca o referente do sujeito na intersecção do conjunto das coisas que são coelhos com o conjunto de tudo o que é branco, dizendo que um ser é ao mesmo tempo da espécie dos coelhos e um objeto de cor branca.

intensificado (*‘Choveu muito bem ontem’)⁴, mas ‘bem’ de maneira pode (‘Esse artilheiro jogou muito bem hoje’). O motivo, presumidamente, é que ‘bem’ de intensidade + *pos*⁵ leva a um grau máximo de medida (= ‘um bom tanto’), e medições não aceitam uma segunda intensificação (assim como não se diz ??‘Maria pesa muito 56 kg’). Há contextos em que tanto ‘muito’ quanto ‘bem’ podem ser aceitos, mas a leitura não é de grau em ambos os casos, a modificação por ‘bem’ apresentando leitura de maneira (‘João dirigiu muito hoje’, ‘João dirigiu bem hoje’).

Interessantemente, em várias línguas são atestados advérbios que podem ter tanto leitura de grau quanto de maneira; em espanhol (‘*bien*’), italiano (‘*bene*’), francês (‘*bien*’) e até em línguas de outras famílias e troncos, como inglês (‘*well*’), o alemão (‘*gut*’) e o romeno (‘*bine*’). Há propostas de que esses advérbios com leitura de maneira e de grau sejam semanticamente relacionados ao adjetivo *bom* em todas essas línguas. Alguns autores defenderam que a leitura de maneira requer verbos eventivos – de mudança de estado – (cf. KATZ, 2003; MAIENBORN, 2005; MITTWOCH, 2005 e GEHRKE; CASTROVIEJO, 2016 i.a.), prevendo que verbos estativos modificados por *bem* produzam apenas a leitura de grau (como vemos em ‘Eles se querem bem’). Outros defenderam que *bem* de maneira só modifique estados kimianos⁶ (estados sem argumento evento, segundo MAIENBORN, 2004; 2005). Há propostas de que advérbios de maneira requeiram agentividade (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 2004; GEHRKE; CASTROVIEJO, 2016⁷), que esbarraram em contraexemplos. Não obstante, tratamentos baseados em eventos parecem um caminho promissor.

Em PB, certos verbos estativos aceitam modificação por *muito*, *pouco* e *bastante*, mas não por *bem*:

- (4) (a) Pedro amava muito/pouco/bastante/*bem Teresa.
(b) Maria quer muito/pouco/bastante/*bem viajar.
(c) Rodrigo admira muito/pouco/bastante/*bem o próprio pai.

A leitura de maneira não está disponível em (4), e na leitura de grau há um contraste entre *bem* (mais degradado) e *muito* (perfeito). No entanto, há verbos estativos sobre os quais ‘bem’ de maneira pode operar, e os advérbios de grau é que soam degradados:

⁴ Um dos pareceristas sugeriu uma situação em que a frase ‘choveu muito bem ontem’ poderia ser aceitável, o que parece ser um problema para a afirmação de que ‘bem’ de grau não pode ser intensificado. No contexto em que há um nível pluviométrico ideal para uma boa colheita, o tanto atingido num determinado episódio de chuva pode ser comparado a esse ideal. No entanto, mesmo a avaliação sendo gradual, não deixa de ser também de maneira neste contexto. Ou seja, cremos que podemos manter a afirmação mais forte que consta no texto acima.

⁵ Os adjetivos podem se apresentar em três formas morfológicas: a positiva (‘alta’), a comparativa (‘mais alta’) ou a superlativa (‘altíssima’). Na proposta de Kennedy (1997), os adjetivos de grau, mesmo na forma positiva, participam de uma comparativa implícita, em que o parâmetro de comparação não é vozeado. Ou seja, ‘Maria é alta’ é interpretado como “Maria é a mais alta entre as pessoas comparadas”, mesmo que não se mencione o segundo termo da comparação. *Pos* é um morfema de comparação implícita, não pronunciado, que se combina ao adjetivo em forma positiva, criando uma operação paralela à executada pelo morfema comparativo *-or*, em ‘menor’, ou a ‘mais’, em ‘mais comprido’. O morfema de grau abstrato *pos* projeta um Sintagma de Grau (DegP, em inglês), análise assumida por Corver (1991) e Zamparelli (2014), entre outros.

⁶ Estados kimianos são propriedades abstratas ancoradas no tempo, mas não localizadas no espaço nem sujeitas à percepção direta. Ex: em ‘João foi grosso com o garçom ontem no almoço’ a grosseria é o estado kimiano. Para Maienborn (2004), estados kimianos não aceitam modificação de maneira.

⁷ Gehrke e Castroviej argumentam que tanto a leitura de maneira quanto a de grau de ‘well’ apresentam um mesmo componente semântico, uma função de medida de ‘boa qualidade’ que é aplicada ao evento. Para eles, a leitura de grau surge quando ‘well’ se aplica a um estado resultante de um evento não-agentivo que seleciona um argumento altamente afetado.

- (5) (a) João mora bem/ *muito/*pouco/*bastante.
 (b) Após a cirurgia, Lívia passa bem/ *muito/*pouco/*bastante.
 (c) Os ricos vivem bem/ #muito/#pouco/#bastante.

Nos exemplos em (5), *bem* poderia ser substituído por ‘mal’, o que indica que temos modificação de maneira. Em (5c), embora tanto ‘bem’ quanto os demais modificadores possam ser aceitos, as interpretações são distintas: ‘viver bem’ é divertir-se, aproveitar bem a vida, enquanto ‘viver muito’ é ter uma longa vida, viver por muitos anos.

Como vimos, *bem* não modifica todos os verbos estativos inerentemente graduais (por exemplo, não modifica ‘amar’); nem se limita a modificar apenas eventos inerentemente graduais da classe acional dos estados; ao contrário, ‘morar bem’ apresenta exclusivamente leitura de maneira. ‘Bem’ só modifica estados para os quais há um padrão convencionalmente estabelecido de qualidade. Podemos separar, em nossa avaliação, quem vive bem de quem vive mal, mas não podemos separar de forma convencional quem ama de uma boa maneira de quem ama de uma má maneira.

Como visto, não é viável sustentar que *bem* modifique somente estado kimianos, ou *stage level*. O ponto crucial para o licenciamento de *bem* na classe acional dos estados parece ser mesmo a existência de um padrão convencional de qualidade disponível para a comparação, que possa ser emulado. Por outro lado, podemos afirmar com segurança que a classe acional dos estados não oferece dimensões de natureza aspectual sobre as quais ‘bem’ possa operar. Assim, não se verifica uma regularidade consistente com a classe acional: alguns estados aceitam modificação por *bem*, outros não.

Com relação às demais classes acionais, a modificação por *bem* é mais consistente. *Bem* não modifica culminações (*achievements*), operando apenas sobre as durativas. Eliminados os casos em que a concepção da eventualidade não é inerentemente gradual, veremos que ‘bem’ de maneira só é licenciado em eventualidades durativas. Por exemplo, todas as do tipo atividade podem ser modificadas.

Os dados não corroboram a hipótese de que a agentividade é a licenciadora da modificação de maneira, como se vê em (6)⁸:

- (6) (a) O dólar caiu bem de valor. (grau)
 (b) Num dia frio como hoje, uma sopinha cai bem. (maneira)

As sentenças em (6) trazem um verbo inacusativo, cujo único argumento é interno, deixando claro que a existência de um argumento externo não é uma condição necessária para o licenciamento de *bem*. Assume-se que os argumentos com papel temático de agente ou causa são externos, e, na voz ativa, ocupam a posição sintática de sujeito sentencial.

⁸ Agradecemos a um dos pareceristas pelos exemplos envolvendo o verbo “entrar”, que são os seguintes:

- (i) ??O dinheiro entrou bem na conta.
 (ii) O carro entrou bem na garagem.

Nenhum dos dois envolve agentividade do sujeito. Mas há uma assimetria nos julgamentos das duas sentenças, com a primeira sendo anômala e a segunda, aceitável. Essa assimetria pode ser explicada pelo seguinte: em (i) o evento de “entrar na conta” não apresenta um padrão convencionalmente aceito, do qual o evento pode se afastar ou se aproximar quando acontece: assim, a maneira como “o dinheiro” entra numa conta não pode estar mais perto ou mais longe de um modo ideal em que quantias entram em contas bancárias; em (ii) o evento de entrar na garagem pode se aproximar ou se afastar de um modo ideal de entrada numa garagem, com menos riscos de acidentes ou com uma melhor ocupação resultante do espaço dessa garagem. Aproveitamos a nota para esclarecer que este artigo não discutirá a importância da agentividade para o licenciamento do advérbio “bem” com interpretação de maneira, visto que esse tema já foi largamente discutido na literatura (cf. as obras citadas nas referências).

Vê-se por (6) e (7) que a existência de um agente não é requerimento para o licenciamento de *bem*.

- (7) (a) O milho cozinhou bem.
(b) Este ferro não passa bem a roupa.
(c) Eu dormi bem esta noite.

Não obstante, atividades com agentes expressos, ao serem modificadas por *bem*, em geral remetem a uma capacidade, habilidade ou performance do agente que se equipara a um padrão de qualidade convencionalizado, como ilustrado em (8).

- (8) (a) Alice cozinha bem.
(b) Cecília varreu bem a casa.

A marca distintiva dos advérbios de maneira é um efeito restritivo na propriedade do evento modificada. As atividades são durativas, e quando modificadas por ‘bem’ entende-se que um padrão convencional de boa qualidade foi emulado nesse evento. Está claro que (8a) não requer uma habilidade ou capacidade do referente do argumento sujeito, que tampouco é um agente típico. O que aparece como constante é a comparação com um padrão convencional de qualidade, caracterizando *bem* como um operador sobre dimensões qualitativas. De (7c) compreendemos que eu tive uma boa noite de sono (alcansei um sono tranquilo, um sono reparador, um sono profundo, obtive uma longa noite de repouso etc.); de (8a) entendemos que sempre que Alice cozinha, a comida resultante é de boa qualidade; de (8b), entendemos que Cecília varreu a casa de acordo com certo padrão (que pode ser entendido como deixando a casa bem limpa, não esquecendo nenhum cantinho, não varrendo a sujeira para debaixo do tapete etc.).

Sintaticamente, advérbios de maneira são linearizados sempre muito perto do verbo, o que sugere que tenham uma relação próxima com a estrutura argumental/de eventos representada no sintagma verbal. Um fato interessante é que advérbios de quantidade podem gerar leituras de frequência quando modificam atividades, mas *bem* nunca gera essa leitura:

- (9) (a) João vai muito/bastante/pouco à praia. (= diversas vezes, várias idas à praia)
(b) *João vai bem à praia.

Os fatos de (9) tanto mostram que *bem* não pode operar sobre dimensões quantitativas, como já proposto, uma vez que frequência envolve pluralização de eventualidades; assim como também sugerem que sua posição seja mais interna que a de modificadores de grau como *muito*, *pouco* e *bastante*, ou pelo menos que *bem* não possa ocupar uma das posições naturais para advérbios (modificadores de grau) quantitativos, essa mais alta, fora de vP⁹.

Vamos agora examinar a modificação de sintagmas verbais das classes acionais eventivas. Gehrke e Castroviejo (2016) propõem que um componente estativo é necessário para que *bem* possa operar sobre o evento. Porém, os autores propõem que a leitura de grau para o inglês ‘*well*’ (‘bem’) depende inteiramente da natureza do evento denotado pelo particípio e não impõe condições sobre as estruturas escalares encontradas por Kennedy e McNally (2005) no domínio adjetival. Em PB, quando *bem* ou qualquer outro

⁹ Cinque (1999) adota uma hierarquia entre os advérbios em que ‘*well*’ (‘bem’) está imediatamente acima de VoiceP. Assim, *bem* estaria acima de Voice-P (como veremos a seguir) e os advérbios *muito* e *pouco* seriam ainda mais altos.

intensificador opera sobre um adjetivo ou um particípio, realmente não há seleção exercida sobre o tipo de escala do modificado (cf. GOMES; MENDES, 2015). Porém, quando *bem* atua sobre sintagmas verbais, a leitura de maneira aparece como o resultado de uma operação sobre propriedades de escalas abertas, com uma seleção semântica mais bem definida. Defenderemos que *bem* de maneira não é produtivo com eventos culminados, raramente sendo licenciado em *achievements*. O licenciamento de *bem* em verbos de estados é possível, mas não certo; em verbos de atividade, é certo; em verbos de *accomplishment* é esperado, uma vez que essa classe acional contém um processo durativo. Mas não se esperaria que fosse possível a combinação de *bem* com *achievements*, que são culminâncias sem duração. Entretanto, há exemplos (como “João chegou bem”). É esse o foco deste artigo: nos propomos a explicar esses dados, sem abrir mão da generalização de que *bem* é licenciado pelo componente durativo das eventualidades. Defenderemos que a operação feita por *bem* sobre *achievements* não incide sobre a eventualidade pontual, mas sobre um estado ou evento associado à culminação (preparatório, que termina na própria culminação descrita pelo verbo, ou seguinte a essa culminância).

O advérbio de maneira *bem* deve ser tratado como um modificador de dimensões de eventualidades; ele seleciona a dimensão durativa. Adotamos a proposta de Castroviejo e Gehrke (2016), que analisam ‘*ben*’ (catalão) como tendo por componente a semântica do adjetivo ‘*bon*’ (‘bom’), o que leva toda a modificação feita por esse intensificador a incluir a avaliação positiva de uma propriedade atributiva do modificado; com Kennedy e McNally (2013), assumimos que essa propriedade precisa ser escalar, ou seja, que *bem* só pode modificar expressões graduais. Diferentemente do que esses autores defendem para o inglês, em português não há a seleção por estrutura de escala quando a modificação é de adjetivos; mas quando a expressão modificada é de categoria verbal, antes da modificação a escala tem de ser aberta. Tanto no caso da modificação adjetival quanto no da modificação verbal, a avaliação positiva da propriedade escalar leva a uma comparação de igualdade, que pode ser parafraseada por ‘à altura de um padrão de qualidade convencional’ ou ‘tão bom quanto pode ser’. Isso está de acordo com a leitura de *bem* de grau como um ampliador (*booster*), já que emular um padrão de qualidade máximo requer um alto grau da propriedade; e também da leitura de maneira, visto que qualquer sintagma verbal modificado por *bem* equivale a uma leitura de ‘da melhor qualidade’ para a dimensão modificada (‘cantar bem’ é cantar num padrão de qualidade convencional, ‘chegar bem’ é chegar no melhor estado de segurança e integridade possível etc.).

Nas leituras de grau, *bem* significa num bom tanto. Nas leituras de maneira, a dimensão do evento sobre a qual *bem* atua é avaliada como ‘tão boa quanto poderia ser’. Castroviejo e Gehrke (2014) já parafraseiam o correspondente a *bem* em catalão como ‘de uma boa maneira’, mas isso ainda não captura a comparação de igualdade que resulta da aplicação de *bem* em português; essa comparação de igualdade com um alto padrão de qualidade resulta semanticamente numa escala fechada, tal como na análise de Kennedy e McNally (2005), embora não se trate de telicidade (os autores afirmam que ‘*well*’ seleciona eventualidades com um grau mínimo e um máximo marcados, isto é, iniciadas e culminadas; nós defendemos que *bem* seleciona eventualidades durativas, que são escalas abertas, ao menos na ponta superior, para modificar, não podendo atuar sobre propriedades aspectuais de eventualidades do tipo culminação, que são fechadas no grau máximo).

Em classes acionais como *accomplishments*, a modificação por *bem* de maneira também equipara as habilidades do agente a um padrão ideal de qualidade. ‘Maria escreveu bem esse artigo’ equivale a ‘Maria escreveu esse artigo de modo que ele se

equipara a um padrão ideal/geral de qualidade para artigos’, ou “Maria (desta vez) escreveu um artigo tão bom quanto um artigo pode ser”.

- (10) a. Maria escreve bem. (atividade)
- b. Maria escreveu bem esse artigo (*accomplishment*).
- c. Pedro constrói muito bem. (atividade)
- d. Pedro construiu bem aquela casa (*accomplishment*).
- e. Luís nada bem (atividade)
- f. Luís nadou muito bem de uma margem à outra do rio hoje. (*accomplishment*).

Bem não está operando sobre a progressão para a culminância em (10b), (10c) e (10f) (os eventos de escrever o artigo, de construir bem aquela casa e de nadar muito bem de uma margem à outra do rio não ficam necessariamente mais longos nem mais curtos após a inserção de *bem* – não é sobre a diferença entre o momento inicial e a culminância da eventualidade, ou seja, não é sobre a rapidez ou demora para se atingir a culminância que *bem* opera). O que está sendo avaliado é o componente permanente, durativo da descrição da eventualidade; é sobre o estado da escrita, da casa que resulta da construção e a própria atividade de nadar de uma margem à outra, que se diz que é de boa qualidade, igualando um padrão convencional. Por ser um modificador sobre escalas de qualidade, *bem* não é barrado pela presença de escalas aspectuais fechadas, diferenciando-se de modificadores de quantidade como ‘pouco’/‘muito’ e ‘bastante’, que não são aceitáveis em (10b), (10d) e (10f) como podemos conferir abaixo:

- (11) a. Maria escreve muito. (atividade)
- b. *Maria escreveu muito esse artigo (*accomplishment*).
- c. Pedro constrói pouco (atividade)
- d. *Pedro construiu pouco aquela casa (*accomplishment*).¹⁰
- e. Luís nada bastante (atividade)
- f. *Luís nadou bastante de uma margem à outra do rio hoje. (*accomplishment*).

O requerimento para a leitura de grau é que a expressão modificada por *bem* seja independentemente gradual, na acepção de Fleischhauer (2016). A outra condição requerida é afim com uma das três enumeradas por Gehrke e Castroviejo (2016): a

¹⁰ Um dos pareceristas aponta interpretações alternativas para (11b) e (11d), buscando mostrar que estas sentenças seriam aceitáveis por conduzirem a tais interpretações. Parece-nos que, nas leituras propostas pelo avaliador (como aquela em que, para (11b), Maria teria trabalhado bastante no artigo, em diversas ocasiões ou etapas), aplica-se uma estratégia de salvamento das frases, forçando-se uma interpretação envolvendo subeventos (como os muitos subeventos de escrever esse artigo, na leitura proposta pelo avaliador para (11b)) ou uma leitura em que “escrever” vale por “trabalhar em”. Contudo, mesmo seguindo tal estratégia, as sentenças se mantêm degradadas, segundo nossas intuições – ou seja, segundo nosso julgamento, ainda que concordemos que tais interpretações pudessem ser tiradas dessas frases, ou elas são marginais ou envolvem pequenas mudanças nos significados dos predicados envolvidos, o que descaracteriza os exemplos. Vale lembrar que leituras habituais, com uma pluralidade de eventos distribuídos ao longo de um intervalo temporal, caracterizam atividades, apresentando duratividade ao longo do período de tempo. Por exemplo, * “João chega muito em casa”, com leitura de um único episódio de chegada, não é possível, mas “João chega muito em casa às 19h30h” melhora bem, porque trata da uma frequência habitual. Da mesma forma, como apontado por um parecerista, a quem agradecemos, * “Ele reconheceu bem imediatamente o amigo”, que descreve um episódio único, é bem pior que uma sentença com leitura de diversos reconhecimentos distribuídos por um período, como em “Esse celular reconhece bem o rosto do dono”, que indica uma boa performance durante aquele prazo. No sentido de recompensar, dar o devido valor, que é gradual, mesmo um episódio só dá certo, como em “A empresa reconheceu bem meu trabalho”. Verifica-se sempre, nos licenciamentos mais fáceis, a comparação com um padrão de qualidade.

duratividade. Essa é uma propriedade aspectual constitutiva de algumas eventualidades, mas não de todas. A duratividade caracteriza o modo como algumas eventualidades são conceptualizadas ou descritas. Estados, atividades e *accomplishments* apresentam duração (uma permanência temporal sustentada e indefinida, no caso dos estados, e uma diferença entre o momento inceptivo e o do término da eventualidade, nas atividades e nos *accomplishments*), mas *achievements* não apresentam duração, pois são instantâneos; ou seja, não apresentam estatividade como as demais classes aspectuais. De fato, não há *bem* com leitura de grau modificando VPs que são *achievements*. Porém, *achievements* podem apresentar estados ou eventos resultantes ou preparatórios. E *bem* com leitura de maneira é possível com alguns *achievements*, a nosso ver, justamente com aqueles que apresentam eventualidades preparatórias ou resultantes:

- (12) a. Maria chegou bem em casa.
b. Ele morreu bem (quem não quereria uma morte como essa?)
c. Ela entrou bem.
d. Pedro se saiu bem.
e. João venceu bem as eleições para a prefeitura.
f. *Lia perdeu bem as chaves de casa instantaneamente.

Vemos por (12f) que alguns *achievements* não podem ser modificados por *bem*, mas outros sim (12 a, b, c, d, e). Vemos também que ‘bem’ não modifica a eventualidade instantânea, mas algo durativo atrelado à concepção dela. De (12a), entendemos que Maria chegou em casa em um bom estado (ou seja, o evento durativo que precedeu a chegada foi tão bom quanto poderia ser); de (12b), que o período (a sucessão, talvez, de estados) que antecedeu a morte instantânea de alguém foi um período bom para um fim de vida: sem sofrimento; de (12c), que Pedro saiu do beco sem saída em que se encontrava encontrando um bom caminho para driblar a adversidade; e de (12e), que a vitória de João foi com boas vantagens sobre os demais concorrentes. Os eventos de chegar (12a), morrer (12b), entrar (12c), sair (12d) e vencer as eleições (12e) são ainda pontuais, mas não é diretamente sobre eles que *bem* de maneira opera.

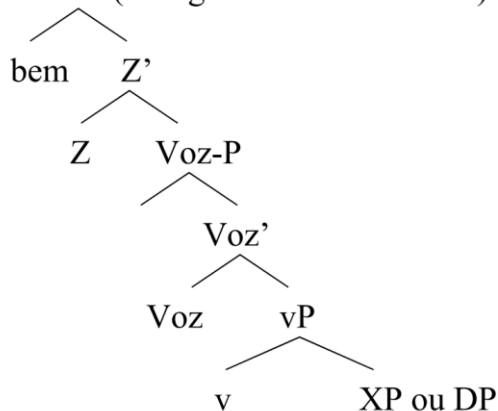
Adotando a proposta de Medeiros (2018), que se coloca dentro do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997, 2013), defendemos que culminações (*achievements*) não aceitam modificação por *bem*, a menos que a estrutura de eventos do VP associado apresente um estado, uma eventualidade durativa, como veremos na próxima seção. Enfim, modificadores de quantidade, como ‘pouco’ e ‘muito’ nunca se combinam às classes acionais *accomplishment* e *achievement*, quando o evento descrito é um episódio isolado (podem gerar com essas classes exclusivamente leituras de frequência, parafraseáveis por ‘muitas vezes’ ou ‘poucas vezes’, em que há obrigatoriedade de uma leitura plural de episódios). *Bem* (que nunca gera leitura de frequência) não pode ter o seu licenciamento previsto apenas em função da classe acional do sintagma verbal, uma vez que *bem* opera sobre escalas de qualidade e as propriedades aspectuais são escalas de outro tipo, de quantidade. Mas ainda assim o licenciamento de ‘bem’ em *achievements* implica a associação de uma (sub)eventualidade durativa à estrutura argumental do evento.

3. DA SINTAXE DO ADVÉRBIO *BEM* DE MANEIRA

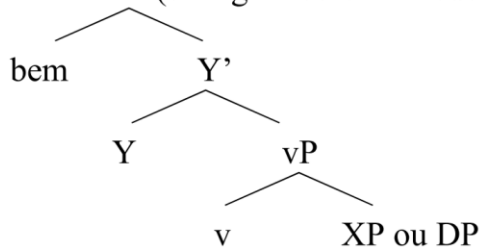
A discussão empreendida anteriormente nos leva a crer que o advérbio *bem* com interpretação de maneira ocupa alguma posição alta na estrutura do sintagma verbal.

Além disso, considerando a proposta de Medeiros (2018) – desenvolvida a partir das propriedades dos verbos do português brasileiro e sua distribuição –, em que os núcleos que compõem a estrutura do sintagma verbal, *v* e *X* (ver abaixo), introduzem subeventualidades com diferentes qualidades acionais – podem ser estados ou eventos, e, sendo eventos, podem ser durativos ou culminações – o advérbio seleciona estruturas verbais que incluem algum núcleo que introduz um evento durativo. Assumindo uma hierarquia de núcleos sintáticos na estrutura do sintagma verbal (BORER, 2005; CINQUE, 2006; MARANTZ, 2006; PYLKKÄNEN, 2002; 2008; entre outros) e adotando o desenho proposto em Medeiros (2018) para a estrutura dos sintagmas verbais com alguma componente dinâmica (com o *v* introduzindo uma eventualidade dinâmica), o advérbio sob análise pode ocorrer, a princípio, em duas posições, a depender do tipo de estrutura verbal em jogo:

(13) a. ZP (sintagma verbal transitivo)



b. YP (sintagma verbal inacusativo)



Na estrutura acima, o XP, encabeçado pelo núcleo X, pode introduzir uma subeventualidade causada ou que representa a culminação de outra (introduzida por *v*), que pode ser um estado (como em *abrir a porta*) do complemento (pelo menos subjacente) ou um evento dinâmico (como em *girar a manivela*), do qual o complemento (pelo menos subjacente) é seu *undergoer* (cf. RAMCHAND, 2008). X pode ser modificado pela raiz do verbo, que lhe atribui o conteúdo enciclopédico (BORER, 2005; MARANTZ, 2007). Mas não só X é modificável pela raiz do verbo: *v* também o pode ser, e, neste caso, o núcleo Voz, introduzindo um evento e um argumento deste evento (o argumento externo do verbo), será obrigatoriamente anexado à estrutura (MARANTZ, 2007). No esquema em (13) vemos que um DP pode ser complemento direto do verbo (a outra possibilidade da proposta é ser argumento do X, incluído, portanto, dentro do XP; cf. estrutura (15) a seguir). Nesse caso, a raiz é modificadora de *v*, e o DP é tipicamente interpretado como uma extensão do evento (por exemplo, um tema incremental ou um

percurso) ou um objeto cognato. Para mais detalhes, ver Medeiros (2018) e as referências lá citadas.

Sem nos preocuparmos neste trabalho com uma caracterização precisa dos núcleos Y e Z nos esquemas arbóreos apresentados acima, e considerando que, na proposta, o núcleo Voz é opcional para os verbos de alternância causativa (que possuem, necessariamente, um XP dinâmico ou estativo em MEDEIROS, 2018), o advérbio *bem* pode ser o modificador do vP nos sintagmas verbais inacusativos ou nas versões intransitivas de vPs quando os verbos que os encabeçam sofrem alternância causativa (especificador do constituinte YP em (13b)), ou um modificador de Voz-P, quando este está presente (especificador do constituinte ZP em (13a)).

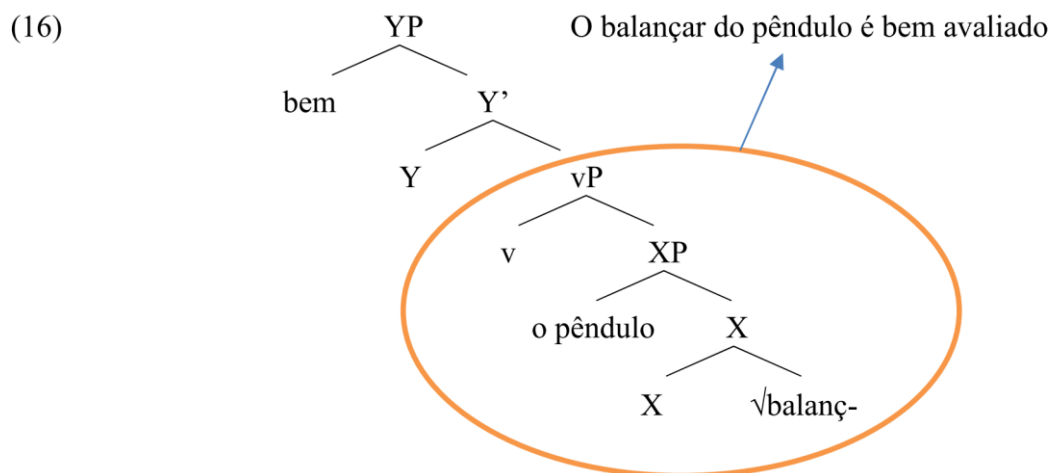
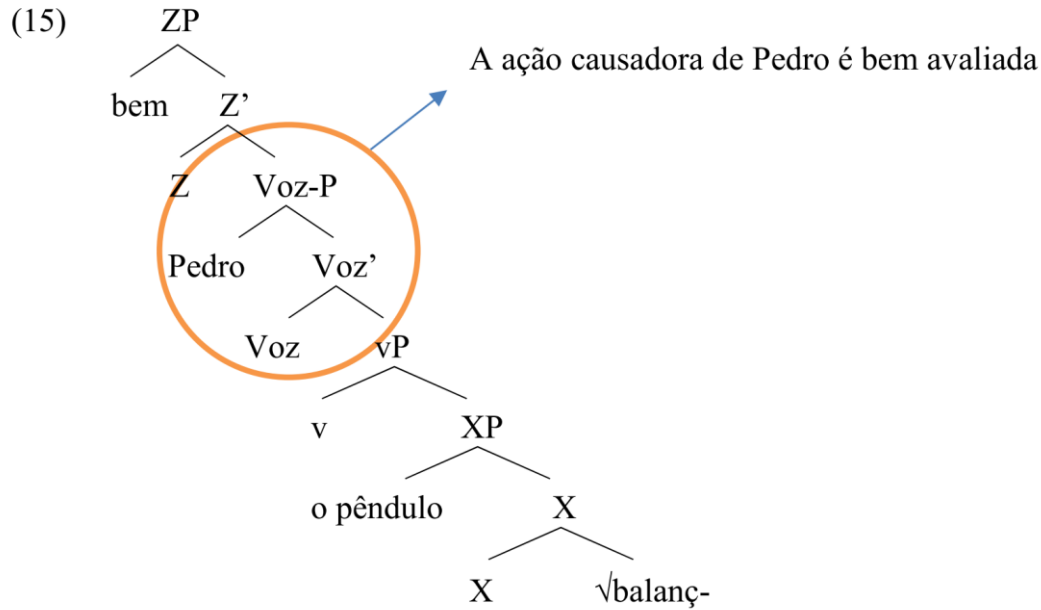
Como vimos em seções anteriores, neste trabalho e em parte da literatura relevante apresentam-se contraexemplos à ideia de que o advérbio *bem* de maneira seria estritamente licenciado em eventos que envolvam agentes – ainda que com frequência ocorra neles. Portanto, é natural que também seja possível alocá-lo num nível intermediário entre o núcleo que introduz evento e o núcleo que introduz o argumento externo, tipicamente interpretado como agente. É o que ocorre em (13b).

A existência de duas posições licenciadoras do advérbio *bem* na estrutura do sintagma verbal é evidenciada no exemplo (14a) a seguir. Nele, vemos que não há contradição entre as duas frases presentes na coordenação, e *bem* é modificador da ação de João, qualquer que tenha sido ela, ação que faz o pêndulo balançar, na primeira oração, mas o evento causado, o balançar do pêndulo, é mal avaliado na segunda oração. O exemplo (16b), no entanto, nos apresenta uma contradição. Discutiremos essa questão no parágrafo seguinte aos exemplos.

- (14) a. ?Pedro balançou bem o grande pêndulo, mas o pêndulo balançou mal.
b. #Pedro balançou bem o grande pêndulo, mas o balançou mal.

O exemplo (14b) nos mostra que, ao criarmos uma coordenação com as versões transitivas/causativas do mesmo verbo e os advérbios *bem* e *mal*, produzimos uma contradição. Isso quer dizer que não é possível, para evitar a contradição, supor que na primeira oração da coordenação é o balançar do pêndulo (o vP, em termos estruturais; o que está abaixo do núcleo Voz em (13)) que é bem avaliado (modificado pelo advérbio *bem*), enquanto a ação causadora (o evento não descrito introduzido pelo núcleo Voz) do balanço do pêndulo é mal avaliada na segunda oração.

Portanto, ao que parece, se o núcleo Voz está presente, o advérbio *bem* se colocará acima dele, não abaixo. Mas quando Voz não está presente, o advérbio *bem* (ou *mal*) poderá tomar o vP sem um argumento externo. Isso sugere que *bem* será necessariamente anexado acima do nível mais alto disponível da estrutura do sintagma verbal, seja ele o vP (encabeçado por verbos incoativos ou inacusativos), seja ele o Voz-P. As estruturas a seguir ilustram as duas possibilidades:



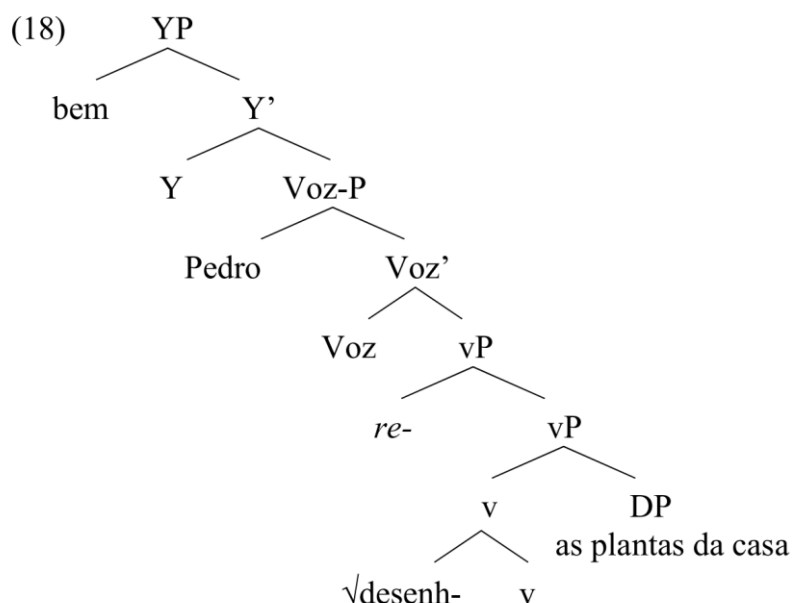
É importante esclarecer que os eventos introduzidos pelo verbalizador *v* e o núcleo *Voz* em uma sentença como *Pedro balançou o grande pêndulo* não são identificados, usando a operação identificação de eventos de Kratzer (1996). Como já mostrado em Medeiros (2018), em predicados como este é possível modificar separadamente os dois eventos por meio de advérbios distintos e específicos. Por isso, é preciso supor que *bem* é anexado sempre no ponto mais alto do predicado verbal, ou seja, acima de *VozP* ou *vP*.

Quando o prefixo *re-* está presente, o advérbio *bem* parece estar fora do escopo do prefixo. Vejamos os exemplos a seguir:

- (17) a. Pedro redesenhou bem as plantas da casa.
 b. Cláudia redividiu bem as parcelas.
 c. Pedro recolocou bem o vaso na mesa.

Nas três sentenças, é o estado repetido que é bem avaliado; não se trata de repetição ou restituição de um estado bem avaliado. Por exemplo, em (17a), as plantas da casa terminam bem redesenhadas, não bem desenhadas de novo (ainda que essa seja uma interpretação possível, pois nada se diz a respeito do estado que será repetido ou

restituído). Ou seja, o advérbio *bem* toma, nos exemplos (17), o VozP, acima do vP já modificado pelo prefixo (cf. MEDEIROS, 2016, 2018). O esquema a seguir ilustra o ponto com (17a), *Pedro redesenhou bem as plantas da casa*.

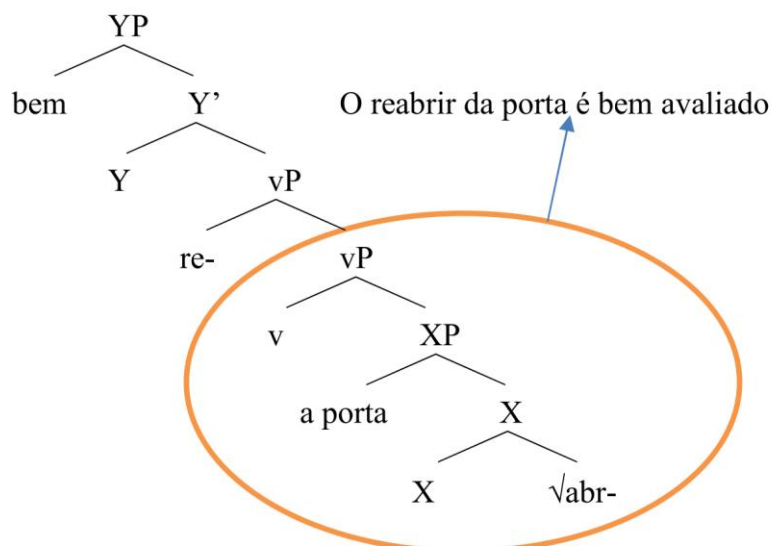


Mas quando temos verbos intransitivos (inacusativos), modificados por *bem* de maneira, qual é a relação de escopo entre o prefixo e o advérbio? Tomemos o exemplo a seguir, supondo um contexto em que se avalia se a porta apresentou dificuldades em sua abertura, por conta de, por exemplo, problemas em seus gonzos, trilhos ou fechadura.

- (19) a. A porta abriu bem.
 b. A porta reabriu bem.

Em (19b), assim como ocorreu nos exemplos em (17), é o advérbio *bem* que tem escopo sobre o prefixo, não o contrário. Afirma-se que a reabertura foi bem avaliada, mas não necessariamente uma eventual primeira abertura, ou o estado *aberto* restituído pelo prefixo. Ou seja, a estrutura à qual o advérbio *bem* se anexa é mais alta do que aquela que licencia a ocorrência do prefixo *re-*, que também é adverbial (cf. MEDEIROS, 2016). Em termos estruturais:

(20)



É relevante ainda falar um pouco sobre quais seriam as subeventualidades durativas modificadas pelo advérbio *bem* em cada circunstância específica. Veremos mais adiante (seção 3.1) alguns exemplos em que o advérbio modifica um evento prévio a uma culminação. Mas as coisas nem sempre são assim, como esperamos ter deixado claro na seção 2. Num predicado encabeçado por um verbo de criação como “desenhar”, por exemplo, como na frase “Pedro desenhou bem as plantas da casa” (cf. (17a)), ainda que durativa, a atividade de desenhar não é aquela que oferece um padrão de comparação para que haja uma avaliação do modo como ela é realizada, mas sim seu resultado: o estado “desenhado” das plantas da casa objeto direto criado pela atividade e portanto resultante dela, tem um padrão convencional associado – as plantas podem ter sido desenhadas com precisão, com muitos detalhes, com clareza, etc. Portanto, *bem* incide sobre um estado resultante que é introduzido no nível do vP (cf. MEDEIROS, 2016).

A questão que se coloca agora é como o advérbio *bem*, que necessariamente estaria acima do Voz-P neste caso (cf. (18)), consegue tomar um estado introduzido por um constituinte mais encaixado, o vP. Nossa resposta ainda é incipiente, mas podemos pensar que vP e Voz-P compõem uma só fase (CHOMSKY, 2001; MARANTZ, 2001, 2013), e que os dois núcleos ficam na borda desta fase são, assim, equidistantes do advérbio *bem*, que toma tal fase. Uma discussão mais pormenorizada dessa questão, entretanto, será desenvolvida em trabalhos futuros.

Para fechar esta subseção, é importante apresentar uma justificativa para o ordenamento final (superficial) que encontramos, que, nos verbos transitivos, coloca o advérbio *bem* entre o verbo flexionado e o objeto direto (“João abriu bem a porta”) e nos verbos intransitivos é o elemento que sucede imediatamente o verbo (“a porta abriu bem”).

Assumindo que em português o verbo sobe até o nó T, mesmo que haja, nos sintagmas verbais transitivos, alguma subida do complemento para um segundo especificador de Voz para checagem de traço de Caso acusativo (cf. CHOMSKY, 1995; KRATZER, 1996), o advérbio se colocará entre o verbo e o complemento. Um outro ordenamento possível coloca o advérbio depois do complemento, mas essa ordem é degradada, e precisa de algum acento no advérbio para licenciá-la. O advérbio *bem* de maneira jamais se coloca antes do verbo. Ou seja, a ordem aceitável será Suj-verbo-*bem*-obj. Quando o verbo é intransitivo (inacusativo), o complemento subjacente sobe para o especificador do TP, e o verbo para T, gerando a ordem Suj-verbo-*bem*. Quando o verbo é inergativo, o mesmo ordenamento é trivialmente gerado.

Com relação aos outros advérbios de modo, é de se notar que *bem* ocorre mais próximo ao verbo, sempre (é, com efeito, um dos advérbios mais baixos da hierarquia de CINQUE, 1999, logo acima da camada de Voz, quando ela está presente; ver também TESCARI NETO, 2022). Portanto, o advérbio deve tomar mais diretamente a camada mais externa do sintagma verbal envolvido, mas algo que esteja abaixo de qualquer elemento funcional da estrutura flexional acima do sintagma verbal. Ou seja, deve tomar Voz-P ou vP imediatamente, como foi proposto acima.

3.1 *Bem* de maneira e eventos pontuais (culminações)

Nas seções anteriores, uma das conclusões a que chegamos foi que o advérbio *bem* desprefere sintagmas verbais interpretados como culminações. Entretanto, há ocorrências desse advérbio com sintagmas que denotam culminações, como nos exemplos a seguir:

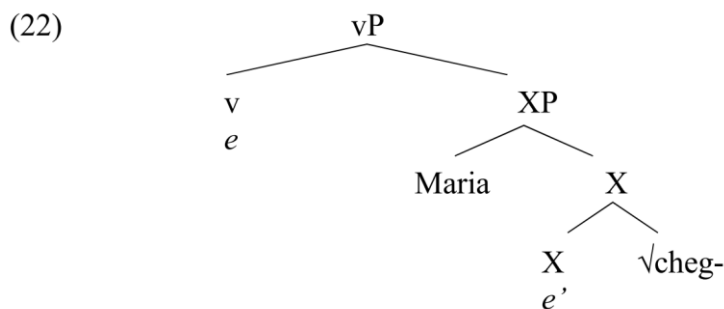
- (21) a. Pedro ganhou bem a maratona.
b. Maria chegou bem em casa.

Ainda que pareça contradizer a expectativa inicial, nos exemplos acima, o advérbio *bem*, como apontamos anteriormente, modifica, de fato, subeventualidades durativas associadas a tais eventos pontuais. Por exemplo, em (21b), *Maria chegou bem em casa*, existe um processo que precede a chegada – por exemplo, o deslocamento de Maria no espaço, que tem como ponto de chegada a sua casa. O que é avaliado é esse processo que precede a chegada propriamente dita na sentença.

Imaginemos, então, que a estrutura do sintagma verbal que inclui o verbo “chegar” envolva necessariamente uma subeventualidade dinâmica e pontual, que pode ser veiculada pelo morfema X na estrutura a seguir, e uma eventualidade durativa e dinâmica (tampouco estativa), veiculada na estrutura pelo morfema v. Suponhamos ainda que o verbo “chegar” seja sintaticamente bimorfêmico: ainda que o morfema X, no esquema a seguir, não se manifeste fonologicamente¹¹, ele introduz um complemento nominal e é modificado pela raiz (como proposto para os inacusativos por MEDEIROS, 2018)¹²:

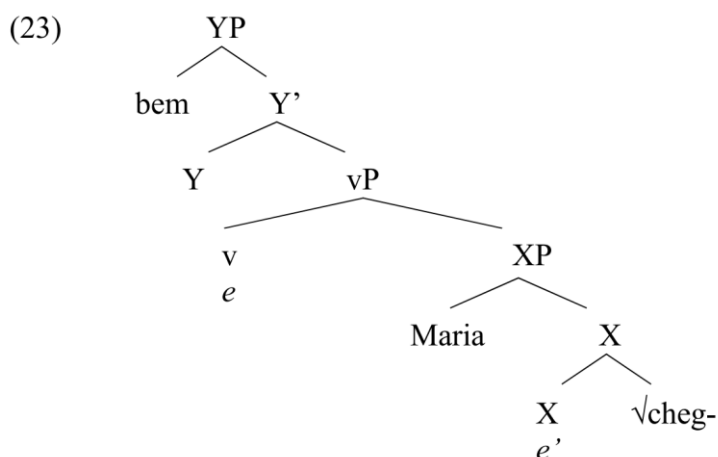
¹¹ Segundo Medeiros (2018), X pode ser expresso por prefixos mais internos, como no verbo “esfarelar”. O argumento para tal é que os prefixos forçam a presença de argumentos internos, como apontado na literatura (e. g., MARANTZ, 2007, entre outros); e como se nota em estruturas como (20) acima, é justamente o núcleo X, ali modificado pela raiz, que projeta a posição do argumento interno.

¹² Importante esclarecer que na proposta de Medeiros (2018) (1) os eventos preparatórios, quando existem, serão introduzidos na estrutura do sintagma verbal por um núcleo sintático, como ocorre em (22), onde v introduz um evento durativo *e* que culmina em *e'*, este se resumindo a uma culminação; (2) nem sempre os inacusativos (entendendo inacusativo como aquele tipo de verbo cujo único argumento é um objeto subjacente) envolverão eventos preparatórios. Um exemplo seria a versão intransitiva do sintagma verbal encabeçado pelo verbo “girar”, como vemos na frase “a manivela girou”. A estrutura do sintagma verbal nessa sentença é a mesma de (22), mas com uma diferença importante: os dois eventos, introduzidos por X e por v, são dinâmicos e durativos, identificando-se; assim, na interpretação, haverá somente um evento (os dois identificam-se e se tornam um só), e, portanto, não existe evento preparatório.



No esquema acima, *e* tem uma interpretação dinâmica e durativa. Já a eventualidade (dinâmica) *e'* será não-durativa. A raiz do verbo “chegar” será licenciada em um ambiente sintático como esse. Aqui, a raiz, por conta de sua natureza semântica, força uma interpretação de evento instantâneo em X (ver a noção de alossomia de MARANTZ, 2013). E o fato de existir um evento prévio durativo e dinâmico garante não só a possibilidade de introduzirmos o advérbio *bem* com interpretação de maneira (ver abaixo), como também licencia tempos progressivos (aspecto imperfeito) no verbo.

Seguindo o que fizemos até o momento, anexaremos o advérbio *bem* acima do vP, conforme o esquema a seguir. Uma vez que vP denota um evento durativo, o advérbio é licenciado.



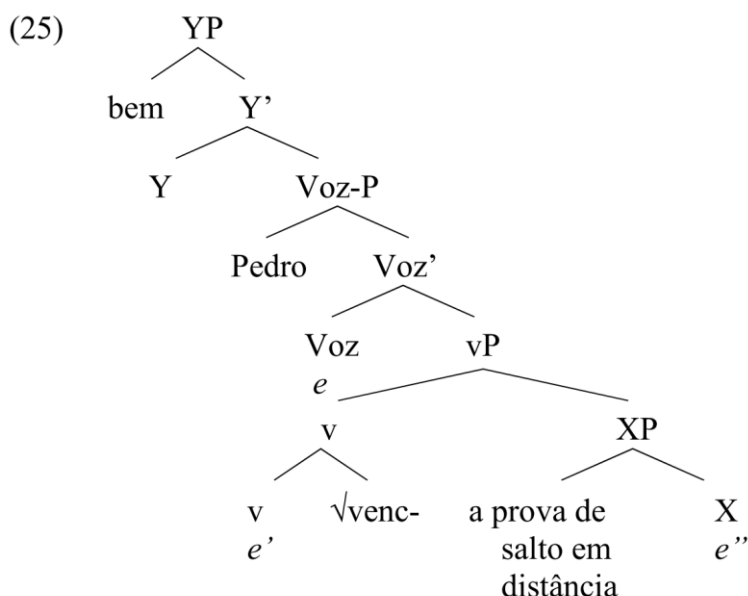
No esquema (23) o advérbio *bem* atua sobre a primeira eventualidade durativa que ocorre na espinha dorsal do sintagma verbal, o evento *e*, introduzido por *v*, que será de fato avaliado – ou seja, Maria chegou bem em casa porque o deslocamento prévio ao evento instantâneo da chegada não teve contratempos ou não lhe causou danos de quaisquer natureza: o evento prévio à chegada foi *bom*, ou tão bom quanto poderia ser.

É importante lembrar que, na proposta de Medeiros (2018), X é uma subeventualidade que pode ser tanto dinâmica quanto estativa, e sendo dinâmica ela pode ser tanto durativa quanto instantânea. Como X será interpretado dependerá de uma complexa relação entre este, os núcleos funcionais internos ao sintagma verbal, os complementos e a raiz. Ou seja, X não será sempre um estado, ou um evento dinâmico (durativo ou não), independentemente da raiz e outros elementos envolvidos; mas sua interpretação dependerá do contexto em que estiver. No exemplo (24) abaixo, a raiz do verbo “vencer” modificará *v*, não X, uma vez que o verbo não é alternante (cf. MEDEIROS, 2018). E a presença dessa raiz força uma interpretação instantânea não do *v*, mas do X logo abaixo. No esquema (25), *Voz* e *v* se identificarão em um só evento

durativo; X introduzirá um evento não-durativo, uma espécie de ponto final para o pré-evento de vencer a prova de salto em distância.

(24) Pedro venceu bem a prova de salto em distância.

Estabelece-se, através do advérbio, uma relação ou comparação entre o pré-evento de vencer a prova de salto (de Pedro) – que seriam as atividades realizadas pelo vencedor na competição, ou os estados específicos resultantes dessas atividades (como as distâncias atingidas nos saltos), que culminam na sua vitória –, e os pré-eventos correlatos associados aos participantes derrotados na mesma competição. O esquema a seguir ilustra ideia. Nele, *e* e *e'* se identificam (conforme a operação de identificação de eventos proposta em KRATZER, 1996) e serão interpretados como um único (conjunto de) evento(s) durativo. Esse (conjunto de) evento(s) culminará no evento instantâneo *e''*, evento sem duração em que se define um vencedor a partir da confrontação dos desempenhos individuais dos participantes da competição. O advérbio *bem* será sensível ao evento *e = e'*, que é aspectualmente compatível com suas propriedades de s-seleção e que fornece um padrão de comparação para que a avaliação seja possível.



Resumindo o que desenvolvemos até aqui. O advérbio *bem* (de maneira) toma a camada mais alta do sintagma verbal. Como sua seleção semântica inclui somente eventualidades durativas, propusemos que, havendo uma subeventualidade durativa no interior do sintagma verbal, o advérbio é licenciado¹³.

¹³ As eventualidades durativas são da classe acional estado, atividade ou *accomplishment*. Um parecerista, a quem agradecemos, indicou que “Maria atira bem” e “João aceitou bem o divórcio” não podem ser explicados pela modificação da dimensão durativa. Quanto à primeira sentença, para afastar a interpretação de habitualidade, que é uma forma de criar uma leitura iterativa, com pluralidades de eventos, consideremos “Maria atirou bem”. É uma atividade, por não ser natural inserir ‘bem’ quando a sentença tem complemento não preposicionado, como em *“Maria atirou bem uma pedra no lago”, e por os exemplos encontrados em site de busca serem todos relativos à prática esportiva ou a competições, ou terem leitura de “exatamente ali”, como em “Ele atirou bem na cabeça dela”. Quanto à segunda sentença, ela denota mais aproximação da aceitação completa de um revés; por exemplo, #“Branca de Neve aceitou bem/mal a maçã oferecida” não faz muito sentido, porque aqui a aceitação do objeto não é gradual. Parece-nos haver algum traço de expressão idiomática em “João aceitou bem o divórcio”, pois #“João aceitou mal o divórcio” não soa tão natural. Compare-se com “receber bem” ou “receber mal uma notícia”, que equivalem a reagir bem ou mal a uma novidade, ou seja, ter uma reação mais ou menos parecida com a esperada.

Para fechar a seção, vale a pena discutir o caso do verbo “abrir”. Para a sentença abaixo, temos duas interpretações. Uma em que o processo de abrir se deu tão bem quanto poderia ser (leitura de maneira) – a porta, portanto, não emperrou ou não ofereceu outros tipos de dificuldades ao longo de sua abertura –, e outra em que o estado atingido pela porta teria um alto grau de abertura (leitura de grau).

(26) A porta abriu bem.

Quando a leitura é de maneira, é o processo de abertura da porta que importa, o qual é interpretado durativamente, com estágios associados a graus de abertura, e a avaliação final se dá sobre a totalidade desses estágios. Quando a leitura é de grau, o processo não é relevante, com o advérbio voltando-se para o estado atingido, que tem graus. Aqui o processo não é mais interpretado durativamente, como ocorre com a interpretação de maneira. Isso serve como evidência auxiliar ao ponto que defendemos aqui: que o advérbio *bem* com interpretação de maneira toma (sub)eventualidades durativas nos sintagmas verbais, podendo mesmo forçar uma interpretação durativa em certas situações.

4. À GUISA DE CONCLUSÃO

É consenso que advérbios, como modificadores, exercem seleção semântica. Os correlatos de *bem* nas línguas naturais foram objeto de interesse de diversos estudos linguísticos, por conta de às vezes darem margem à leitura de grau, e, outras vezes, ou, eventualmente, até concomitantemente, à leitura de maneira. No caso de *bem*, a literatura não chegou a um consenso razoável sobre suas condições de licenciamento. Propostas como estados kimianos (em que os demais não seriam modificados por ‘bem’) ou agentividade como condição para o licenciamento mostraram-se não adequadas aos dados empíricos. Neste artigo, sustentamos que, como proposto em parte da literatura, *bem* de maneira seleciona a propriedade da duração, que é uma escala aberta, produzindo após a modificação uma comparação de igualdade com certo padrão de qualidade convencional. Dada a composição aspectual das classes acionais vendlerianas, a previsão era de que encontrássemos estados, atividades e *accomplishments* modificados por *bem*, mas não *achievements*. Ao examinarmos a estrutura eventiva em português, assumindo que *bem* atua sobre eventualidades durativas, explicamos os casos em que *bem* é licenciado em *achievements* como uma operação sobre eventualidades durativas. Propusemos que o advérbio *bem* toma a camada mais alta do sintagma verbal, selecionando exclusivamente eventualidades durativas. Quando há uma subeventualidade durativa no interior do sintagma verbal, o advérbio é licenciado, podendo alcançar até mesmo camadas mais internas à estrutura de eventos sintaticamente representada no sintagma verbal.

REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Structural Analysis of Unaccusatives. The unaccusativity puzzle: Explorations of the syntax-lexicon interface, v. 5, p. 114, 2004.
- BORER, Hagit (2005). The normal course of events. Oxford University Press, Oxford
- CASTROVIEJO, Elena; GEHRKE, Berit. A good intensifier. In: JSAI International Symposium on Artificial Intelligence. Springer, Berlin, Heidelberg, 2014. p. 114-129.
- CHOMSKY, Noam. The minimalist program. MIT press, 1995.

- CHOMSKY, Noam. The minimalist program. MIT press, 2015.
- CHOMSKY, Noam. 2001. Derivation by phase. In Ken Hale: A Life in Language, ed. Michael Kenstowicz, 1–52. Cambridge, MA: MIT Press.
- CINQUE, Guglielmo. *Adverbials na Funcional Heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press. 1999.
- CINQUE, Guglielmo. *Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures volume 4*. Oxford University Press on Demand, 2006.
- CORVER, Norbert. Evidence for DegP. In: North East Linguistics Society. 1991. p. 4.
- ERNST, Thomas. Modification of stative predicates. *Language*, v. 92, n. 2, p. 237-274, 2016.
- FLEISCHHAUER, Jens. Degree gradation of verbs. Vol. 2. Düsseldorf University Press, 2016.
- GEHRKE, Berit; CASTROVIEJO, Elena. Good manners: On the degree effect of good events. In: *Proceedings of Sinn und Bedeutung*. 2016. p. 252-269.
- GOMES, Ana Paula Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. Degree modification in Brazilian Portuguese and in Karitiana. *ReVEL*, edição especial n. 9, 2015. [www.revel.inf.br]
- HALLE, M.; MARANTZ, A. “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection”. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Orgs.). *The View From Building Twenty*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993. p. 110-176.
- KATZ, G. (2003). Event arguments, adverb selection, and the Stative Adverb Gap. In E. Lang, C. Maienborn, and C. Fabricius-Hansen (Eds.), *Modifying Adjuncts*, pp. 455–474. Berlin: de Gruyter.
- KENNEDY, Chris. The syntax and semantics of gradability and comparison. University of California, Santa Cruz dissertation, 1997.
- KENNEDY, Christopher; MCNALLY, Louise. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, p. 345-381, 2005.
- KRATZER, Angelika. Severing the external argument from its verb. In: *Phrase structure and the lexicon*. Springer, Dordrecht, 1996. p. 109-137.
- KRATZER, Angelika. Building statives. In: *Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. 2000. p. 385-399.
- KRATZER, Angelika. Building resultatives. In: *Event arguments: Foundations and applications*. Max Niemeyer Verlag, 2011. p. 177-212.
- LARSON, R. 1998. Events and modification in nominals. In *Proceedings from Semantics and Linguistic Theory (SALT) VIII*, ed. D. Stolorovitch and A. Lawson, 145–168. Ithaca, NY: CLC Publications, Cornell University.
- MCNALLY, Louise; KENNEDY, Christopher. Degree vs. manner well: A case study in selective binding. In: *Advances in generative lexicon theory*. Springer, Dordrecht, 2013. p. 247-262.
- MAIENBORN, C. (2005). On the limits of the Davidsonian approach: The case of copula sentences. *Theoretical Linguistics* 31.3, 275–316.
- MAIENBORN, C.: 2004 (Ms., forthcoming), On Davidsonian and Kimian states, in I. Comorowski & K. v. Heusinger (eds), *Existence: Semantics and Syntax*. Berlin: Springer.
- MAIENBORN, C.: 2005, On the Limits of the Davidsonian Approach: The Case of Copula Sentences (Target Article), *Theoretical Linguistics* 31-3, 275-316
- MARANTZ, Alec. “No Escape from Syntax: Don’t Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon”. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 4, n. 2, 1997.
- MARANTZ, Alec. *Words*. Manuscrito, 2001.
- MARANTZ, Alec. Argument structure and morphology: noun phrases that name events. Hand-out, New York University, 2006.
- MARANTZ, Alec. Restitutive re-and the first phase syntax/semantics of the VP. University of Maryland, 2007.
- MARANTZ, Alec. Verbal argument structure: Events and participants. *Lingua*, v. 130, p. 152-168, 2013.
- MCNALLY, L.; C. KENNEDY (2013). Degree vs. manner well: A case study in selective binding. In J. Pustejovsky, P. Bouillon, H. Isahara, K. Kanzaki, and C. Lee (Eds.), *Advances in Generative Lexicon Theory, Text, Speech and Language Technology*, vol. 46, pp. 247–262. Dordrecht: Springer.
- MEDEIROS, A. B. Prefixos, recursividade e a estrutura do sintagma verbal. *Revista do GEL*, v. 13, n. 1, p. 56-86, 2016.
- MEDEIROS, A. B. Considerações sobre a estrutura argumental dos verbos. In: MEDEIROS, A. B.; NEVINS, A. (Orgs.). *O apelo das árvores: estudos em homenagem a Miriam Lemle*. São Paulo: Pontes, p. 231-298, 2018.

- MITTWOCH, A. (2005). Do states have a Davidsonian argument? Some empirical considerations. In C. Maienborn and A. Wöllstein (Eds.), *Event Arguments: Foundations and Applications*, pp.69–88. Tübingen: Niemeyer.
- PARSONS, Terence. *Events in the semantics of English: A study in subatomic semantics*. 1990.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Tese (Doutorado em Linguística) – MIT, Cambridge MIT Press, 2002.
- PYLKKÄNEN, L. (2008). *Introducing arguments* (Vol. 49). MIT press.
- RAMCHAND, Gillian. *Verb meaning and the lexicon: A first-phase syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- TESCARI NETO, A. *Sintaxe Gerativa: uma introdução à cartografia sintática*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.
- ZAMPARELLI, Roberto. *Layers in the determiner phrase*. 1995. Tese de Doutorado. University of Rochester.

Recebido: 14/9/2021
Aceito: 4/8/2022
Publicado: 4/10/2022